

Da minha biblioteca

A Ilíada de Homero adaptada para jovens por Frederico Lourenço



Adriana Nogueira

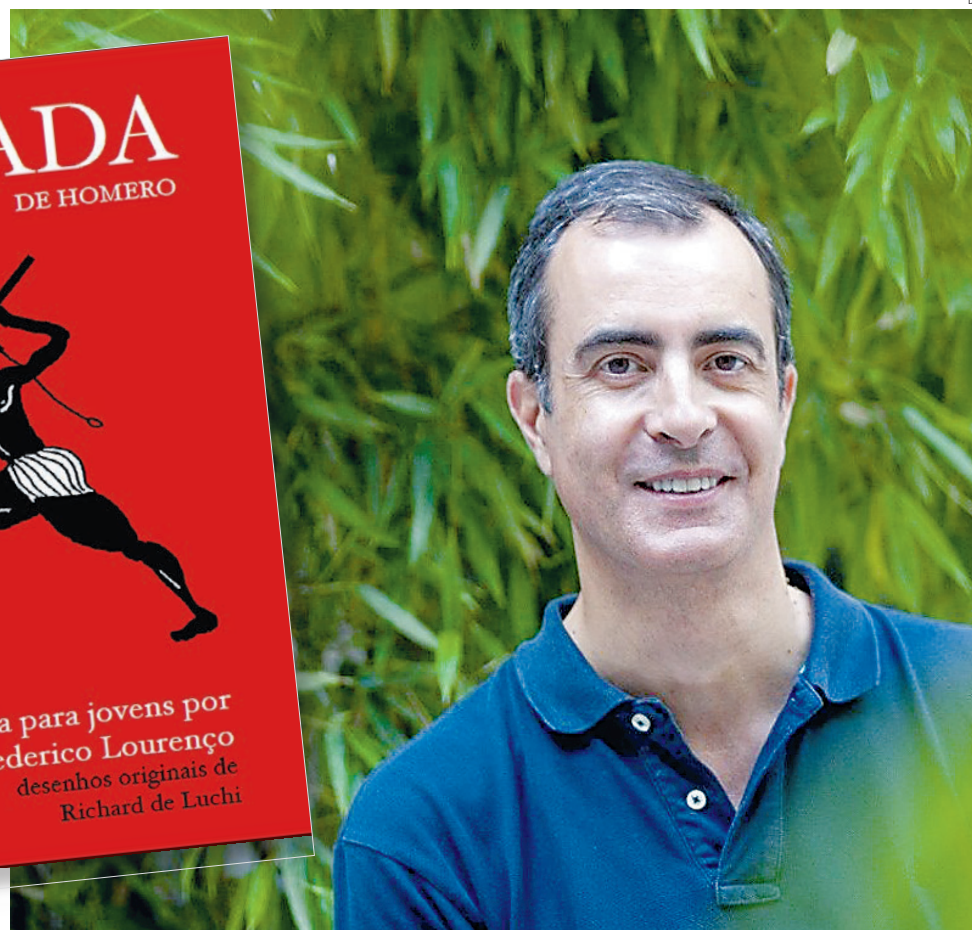
Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Fiquei muito contente quando recebi pelo correio um exemplar do novo projeto de Frederico Lourenço: a adaptação da *Ilíada* para jovens. É sempre um prazer ler o que Frederico Lourenço (professor de clássicas da Universidade de Coimbra) escreve. E escreve muito bem, seja como académico, seja como romancista, poeta, tradutor de autores gregos, reconhecido e premiado pelas suas magníficas traduções dos poemas homéricos *Ilíada* e *Odisseia*. A editora Livros Cotovia, que tem publicado a sua obra, é quem agora também apresenta esta sua adaptação para jovens do mais antigo texto literário da cultura ocidental.

A *Ilíada* é uma obra do séc. VIII a.C., atribuída a Homero, descrita assim pelo tradutor, na introdução (p.7) à sua edição de 2005: «no fim de uma longa tradição épica oral, surge este canto de sangue e lágrimas, em que os próprios deuses são feridos e os cavalos do maior herói choram». Quem a leu, imagina o que terá sido o desafio de a adaptar para jovens. Quem a não leu, pode supor que adaptar uma longa obra de guerra e emoções não deverá ser fácil, sem que se percam elementos fundamentais que já foram perpetuados por mais de 2.500 anos de leitores e leituras sucessivas. Mas Frederico Lourenço consegue fazer esse difícil trabalho com muito sucesso.

Herança da oralidade

Como poema herdeiro da tradição oral, a *Ilíada* contém marcas dessa forma de narrar de cor, normalmente perante



O escritor, tradutor e professor universitário Frederico Lourenço

grandes audiências, os feitos (e desgraças) de grandes heróis. Uma delas é a repetição, que ajuda à memorização e é também uma técnica usada para se ir «ganhando tempo» enquanto se prepara o que se vai dizer a seguir. Naturalmente que nesta adaptação, por uma questão de espaço e porque não são essenciais para a narrativa, as repetições foram muito encurtadas, mas não retiradas, não perdendo, portanto, esta obra, uma das características do seu original. Deixo um exemplo, quando Zeus pede a Apolo que retire o corpo do seu filho Sarpédon, morto na batalha (p.195):

«Vai tu agora, ó filho amado, e limpa o negro sangue de Sarpédon; tira-o do meio dos dardos e depois leva-o para muito longe. Dá-lhe banho nas correntes do rio e unge-o com ambrósia; veste-o com roupas imortais. Entrega-o a dois pressurosos

portadores para o levarem, Sono e Morte, dois irmãos, eles que rapidamente o porão na terra fértil da ampla Lícia, onde seus irmãos e parentes lhe prestarão honras fúnebres, com sepultura e esteira: pois essa é a honra devida aos mortos.

Assim falou; e a seu pai não desobedeceu Apolo. Desceu das montanhas do Ida para o fragor tremendo da batalha e de imediato levantou Sarpédon do meio dos dardos. Levou-o para muito longe e deu-lhe banho nas correntes do rio; ungiu-o com ambrósia e vestiu-lhe roupas imortais. Entregou-o a dois pressurosos portadores para o levarem, Sono e Morte, dois irmãos, eles que rapidamente o puseram na terra fértil da ampla Lícia.

Símiles e hospitalidade

Um dos elementos mais inte-

ressantes da *Ilíada* é a abundância de símiles, uma espécie de comparação que nos leva para referências do quotidiano, para melhor compreendermos a realidade que nos é apresentada. Também estes Frederico Lourenço não descurou, incluindo o símile mais famoso, que compara a geração dos homens às folhas das árvores. Curiosamente, quando li a *Ilíada* pela primeira vez, aos quinze anos, o episódio em que ele surge foi o que mais me impressionou: o encontro entre os heróis Diomedes e Glauco, que lutavam, respetivamente, um pelos Gregos e o outro pelos Troianos, e que, por razões de amizade familiar, desistem de lutar um com o outro. Mais tarde, ao estudar estes assuntos, aprendi que as leis da hospitalidade eram invioláveis: uma vez hóspede, para sempre ligado. Conta-se, então, assim, nesta versão para jovens, onde o essencial

não se perde (pp.94-95):

«o primeiro a falar foi Diomedes:

- Quem és tu? Pois nunca antes te vi. Agora saís muito à frente de todos os outros na tua audácia e aguardas a minha lança de longa sombra. Filhos de infelizes são os que se opõem à minha força.

Porém Glauco sabia quem era o guerreiro que lhe dirigira a palavra, e assim lhe disse:

- Diomedes, porque queres saber da minha linhagem? Assim como a linhagem das folhas, assim é a dos homens. Às folhas, atira-as o vento ao chão; mas a floresta no seu viço faz nascer outras, quando sobrevém a estação da primavera: assim nasce uma geração de homens e outra deixa de existir».

Quando chegam à conclusão de que as linhagens estão ligadas e que, portanto, são amigos, Diomedes propõe:

«Evitemos pois a lança um do outro. Há muitos Troianos para eu matar; e Gregos não faltam para se opor à tua lança. Quanto a nós, troquemos agora as nossas armaduras, para que até estes aqui saibam que somos há várias gerações amigos um do outro».

Foi um prazer ler este livro. A linguagem não está infantilizada, o que irritaria, certamente, muitos jovens – e muitos de nós –, e mantém, como disse, as características principais da versão original: os deuses e heróis são apelidados pelos seus epítetos mais conhecidos (Ulisses de mil ardis; Hermes, o Auxiliador; Tétis, a deusa dos pés prateados; Posídon, Sacudidor da Terra; Apolo, Senhor do Arco de Prata, etc.); a estrutura frásica mantém-se próxima do original, isto é, a simplificação não foi feita à custa de uma alteração do texto. Mantém-se, por exemplo, o tratamento por «vós» (que aplaudo, numa época em que as gramáticas de Português para estrangeiros eliminam a segunda pessoa do plural de todos os verbos) e uma tendência, nos momentos mais solenes, de pôr o verbo no fim (diz Aquiles, por causa da morte do seu amigo Pátroclo: «- Que eu morra logo de seguida, visto que auxílio não prestei ao companheiro quando foi morto; longe da sua pátria morreu» - p.206). E não faltam episódios famosos, como o da descrição do escudo de Aquiles, forjado por Hefesto.

No Posfácio (pp. 297-300), Frederico Lourenço explica como, apesar de «a possibilidade de uma vida feliz» parecer «posta em causa», a *Ilíada* «propõe uma circunstância redevora para a vida humana: levamos os nossos objetivos até ao fim, custe o que custar, doa a quem doer, e nunca abdicamos do bem supremo pelo qual devemos lutar com unhas e dentes (ou melhor dizendo, lanças e espadas): a nossa própria autoestima».

Uma leitura para todos. E, já agora, aproveite e leia também a *Odisseia*.



“PRESÉPIOS”

Até 6 JAN | Edifício do Atlético – Loulé

Exposição que integra a Coleção de Anabela Guerreiro, bem como os participantes no II Concurso de Presépios do Concelho de Loulé. Os presépios expostos inserem-se em duas modalidades: o Presépio Tradicional Português e o Presépio Tradicional do Algarve



“PINTURA DE PEDRO ESPANHOL”

Até 15 JAN | Antigos Paços do Concelho de Lagos

O artista já fez várias exposições colectivas e individuais. Tem participado em vários projectos, públicos e privados, no âmbito das Artes Visuais. Está representado em várias colecções. Vive no Barreiro onde tem atelier e é professor de Artes Visuais